

## A TERCEIRA REFORMA: O JANSENISMO

João Ribeiro Junior

O Jansenismo não foi apenas um movimento teológico que punha em destaque a corrupção do homem, da sociedade e do Estado, mas também uma reação ideológica da classe aristocrática, vítima da centralização estatal.

Assim, a **Fronde** (movimento de agitação contra o cardeal Mazarino (1602-1661), resultado de uma união circunstancial da nobreza com a burguesia, que terminou com o triunfo da monarquia absoluta e a decadência política da nobreza) e o Jansenismo constituíram duas manifestações diferentes de um mesmo descontentamento, já que ambas eram tanto uma forma de opor-se à monarquia, como uma opção a favor do absentismo sistemático.

Tudo começou quando um professor da Universidade de Louvain (Bélgica), Miguel de Bay, chamado Baio (1513-1589), seguindo a doutrina da predestinação e da graça de Calvino, apresentou suas teses a respeito do estado primitivo do homem, da graça e da liberdade. De acordo com Baio, o homem não foi criado em estado de sobrenatureza, mas sim em estado de natureza; donde se segue que o pecado original é uma "corrupção da própria natureza e não privação dos dons sobrenaturais e preternaturais". Destarte, o homem nada consegue sem a graça; a fim de que sua ação seja boa, exige-se a "graça eficaz", à qual não se pode resistir, e que determina interiormente a vontade sem destruir a liberdade.

Em 1567, o papa Pio V (1566-1572) condenou setenta e nove proposições tiradas das obras de Baio; sendo que em 1579, o papa Gregório XIII (1572-1585) reiterou esta condenação. Baio, então, submeteu-se à obediência da Igreja, retratando-se.

Após este precursor, aparece Cornélio Jansen (1585-1638), doutor de Louvain, bispo de Ypres, que deu novo e mais amplo desenvolvimento à esta doutrina, que a partir de então, passou-se a chamar Jansenismo.

Jansen, consumado agostiniano, começou por atacar as formas vazias de devoção e as interpretações semipelagianas dos jesuítas, com referência ao pecado e à graça. Para ele, a natureza humana, depois do pecado original, ficou sem a graça, e assim não pôde observar todos os preceitos divinos. O pecado original tirou ao homem a liberdade de querer

e o tornou incapaz do bem, inclinado necessariamente ao mal. Cristo ofereceu aos homens a graça da salvação, mas não morreu por todos; apenas para uns poucos eleitos, predestinados por Deus, que receberão os benefícios da libertação. A predestinação é, pois, gratuita e precede qualquer ato da nossa vontade. O verdadeiro bem vem, portanto, da graça eficaz que Deus concede aos predestinados.

Esta doutrina era contraposta ao relaxamento moral, especialmente dos jesuítas, para quem a salvação está sempre ao alcance do homem. Basta viver no seio da Igreja e ter boa vontade para possuir uma graça suficiente para se salvar. Esta tese foi sustentada pelo jesuíta espanhol Luiz Molina (1535-1600), com o intuito de aumentar o proselitismo católico. Segundo ele, a graça não elimina a liberdade humana, mas confirma-a e garante-a. Todos os homens têm a possibilidade de se salvarem, dependendo apenas da sua própria boa vontade.

Assim, Jansen queria combater o laxismo da teologia moral da época, patrocinado pelos casuístas jesuítas, que adulteravam o próprio espírito do Cristianismo. De acordo com Jansen, o erro dos casuístas estava em que eles consideravam delicadas questões morais do ponto de vista puramente legal e jurídico, quando é certo que só a perspectiva espiritual e evangélica é que lhes pode dar solução satisfatória.

Após a morte de Comélio Jansen, foi publicado seu único livro **Augustinus**, onde se encontra a base do Jansenismo, que apresenta duas características principais: rigorismo doutrinário (tira qualquer força à liberdade humana para dar tudo à ação da graça divina); e rigorismo moral (que seria o outro lado do puritanismo calvinista: a doutrina da graça irresistível corresponde ao dogma da predestinação).

Jansen tinha um amigo, o abade de Saint-Cyran, Jean Du Vergier de Hauronne (1581-1643), que seria o pai espiritual do movimento jansenista. Nomeado diretor e confessor do convento de Port-Royal-des-Champs, perto de Paris, Saint-Cyran tornou-o, em pouco tempo, no mais tormentoso centro da controvérsia religiosa do século XVII, na França. Para este foco ativo do Jansenismo, dirigiram-se os homens mais célebres da época, como Pascal, Le Maistre, Racine. Foi a partir daí, que o Jansenismo espalhou-se rapidamente pela Holanda, Alemanha e Itália.

Estava-se no auge do absolutismo francês. Luiz XIV (1661-1715), o "rei sol", exercia um despotismo integral baseado no direito divino, cujo mecanismo era determinado por critérios racionalistas. Assim, uma vez que o poder do rei derivava de Deus, ele não poderia ser fiscalizado por ninguém, muito menos pela autoridade eclesiástica.

A conseqüência foi o aparecimento de uma doutrina denominada **Galicismo**, cujas principais proposições eram: o papa não

tem nenhum poder político sobre o rei; nas coisas temporais, o rei é independente de qualquer autoridade eclesiástica, incluindo o papa; a Igreja não pode possuir nada sem o consentimento do rei; o papa é inferior ao Concílio Ecumênico; a autoridade do papa é limitada pelas leis da Igreja universal; e na França, também pelos costumes e instituições da Igreja Galicana; as definições do papa, mesmo em matéria de fé, são intangíveis quando há consenso da Igreja universal. Estas proposições foram condenadas pelo papa Inocêncio XI (1676-1689), e mais tarde retratadas pelo próprio Luiz XIV (1693).

Como o abade de Saint Cyran era um homem considerado perigoso, capaz de perturbar o Estado, perturbando a Igreja; imediatamente o cardeal Richelieu (1582-1642) mandou-o prender; e só sairá da prisão por ocasião da morte do cardeal, em 1642, mas vem a falecer no ano seguinte.

Porém, a esta altura, o Jansenismo tinha um novo líder, o padre Antonio Amauld — irmão da madre Angélica, priora do convento de Port-Royal —, que cristalizou, em alguns pontos nitidamente definidos, o objetivo do movimento jansenista que, em resumo, consistia num retorno ao fervor religioso dos tempos apostólicos, à simplicidade da vida pobre e à concretização do **Evangelho** na vida cotidiana. Esse programa deveria ser realizado de acordo com a hierarquia da Igreja Católica; assim não pretendia fundar nenhuma seita, mas trabalhar para uma reforma religiosa e moral da vida católica e do clero.

Em 1643, Amauld escreve o livro **A Comunhão Freqüente**, cujo rigorismo moral cria uma agitação violenta no clero, principalmente entre os jesuítas.

Logo a seguir, o papa Urbano VIII (1623-1644) condenou a doutrina de Jansen, em geral; porém seu sucessor Inocêncio X (1644-1655), atacando o Jansenismo de ímpio, blasfematório, historicamente falso e herético, condena as cinco proposições básicas, tiradas do livro **Augustinus**, de Jansen, através da bula **Cum Occasione**, de 1653, que são as seguintes: Alguns preceitos de Deus são impossíveis de serem observados pelas almas justas, apesar dos desejos e esforços, e a graça, que tornaria possível a sua observância, falta a essas almas; no estado da natureza decaída, nunca se resiste à graça interior; para o mérito e demérito, no estado de natureza decaída, não se requer liberdade interior, basta a liberdade externa, ou ausência de constrangimento; os semi-pelagianos admitiam a necessidade de uma graça interna preveniente, para todos os atos, mesmo para o começo da fé; sua heresia consistia em julgar que essa graça era de tal natureza que a vontade pudesse, espontaneamente, resistir-lhe ou obedecer-lhe; é semi-pelagiano afirmar que Cristo morreu e derramou seu sangue por todos os homens.

A primeira reação dos Jansenistas foi a consternação, mas logo Amauld, acusando os jesuítas de terem feito intrigas junto ao pontífice,

que resultou na condenação das proposições, rejeitou a bula, colocando em dúvida, se realmente estas cinco proposições pertenciam ao pensamento de Jansen. Em outros termos, afirmava que, se eram efetivamente heréticas, por **direito** deveriam ser condenadas, mas não pertenciam **de fato** à doutrina exposta no livro **Augustinus**.

Rebentou nova celeuma, e a Faculdade de Teologia de Paris interveio sem nenhum resultado; então, o papa Alexandre VII (1655-1667), sucessor de Inocêncio X, definiu que as proposições tinham sido condenadas no sentido entendido pelo autor; mas Arnauld respondeu que a Igreja poderia se pronunciar sobre a **questão de direito**, porém não sobre a **questão de fato**, devendo neste caso silenciar-se.

Para defender seu amigo Arnauld, Blaise Pascal (1623-1662) publica as dezoito **Cartas Provinciais** (1655-1657), sob o pseudônimo de Luiz de Montalbo, ironizando os discursos teológicos da Sorbonne, e criticando a casuística dos jesuítas, o que fez da expressão **jesuitismo**, sinônimo de duplicidade e farisaísmo.

Para pôr termo às controvérsias, a Assembléia do clero da França elaborou um **formulário** a ser imposto a todos os membros do clero, dos mosteiros e conventos do reino, a fim de derrubar a distinção de direito e de fato. As monjas cistercienses de Port-Royal resistiram. Em vão, o padre Jacques Bossuet (1627-1704), cuja obra **A Política resultante da Sagrada Escritura** formula a doutrina do absolutismo, tentou persuadí-las. Assim, em 1664 foram excomungadas.

Mais tarde, o papa Clemente IX (1667-1669) suspendeu as censuras impostas a Port-Royal, e retirou a excomunhão às monjas (**Paz Clementina** de 1669), assim que estas aceitaram o **formulário**, sem contudo modificarem seus sentimentos íntimos a respeito do Jansenismo.

Com a morte de Arnauld, surge o terceiro grande chefe do Jansenismo, o padre da Ordem do Oratório, Pasquier Quesnel (1624-1719), cujas **Reflexões Morais sobre o Novo Testamento** (1687-1692) levantaram forte oposição da Companhia de Jesus.

Em 1701, as discussões em torno da questão de direito e de fato voltaram a propósito do **Caso de Consciência**: "é possível sem crer no **fato**, e sem admitir que a Igreja tenha o **direito** de exigir a crença nesse ponto, assinar mesmo o **formulário**, e obter a absolvição?" Na Sorbonne o caso recebeu resposta afirmativa, mas foi criticado e condenado em Roma.

Quesnel, que tinha se exilado em Bruxelas, para evitar perseguições, foi descoberto e preso, e os seus escritos apreendidos revelaram uma nova conspiração jansenista. Luiz XIV pediu, então, não só a condenação de Quesnel ao novo papa Clemente XI (1700-1721), como uma bula que renovasse todas as condenações anteriores do Jansenismo. O

papa concordou, publicando a **Vineam Domini Sabaoth** (1705), onde se reconhece que o livro **Augustinus**, de Jansen, era efetivamente herético. Por outro lado, querendo acabar de vez com o **Jansenismo**, os jesuítas conseguiram do papa a bula **Unigenitus** (1713), que condenou cento e uma das afirmações de Quesnel.

Esta bula, declarada lei do Estado, tornou-se o pomo de discórdia no interior da Igreja. O arcebispo de Paris, Noailles (1651-1729), as Universidades galicanas de Paris e Nantes, muitos religiosos e bispos, chamados posteriormente, **Apelantes**, protestaram e apelaram para um Concílio Ecumênico, afirmando a superioridade deste para resolver tais assuntos. O papa, então, excomungou-os, mas o Parlamento francês tomou partido dos Jansenistas. Assim, o clero católico, que excluía dos sacramentos os **Apelantes** excomungados, eram processados pelo Parlamento, embora a autoridade real vetasse tais sentenças como ilegais. O conflito, contudo, durou vinte e cinco anos, quando o papa Bento XIV (1740-1758) pôs fim à questão, determinando que só os “apelantes notórios” fossem privados dos sacramentos. O Parlamento, sob pressão do governo, acatou a decisão papal.

Neste ínterim, ocorreu o episódio conhecido na história como **Convulsões em S. Medardo**, cemitério de Paris. Os devotos vinham em grande número rezar no túmulo do jansenista François de Paris, diácono; e aos poucos caíam em profundo êxtase; podia-se golpeá-los até com barras de ferro, que nada sentiam; enquanto isso havia curas milagrosas de cegos e paralíticos. Os Jansenistas aproveitaram da ocasião para mostrarem que já tinham um santo, que fazia milagres. O cemitério foi, então, fechado por ordem real, mas as convulsões e milagres continuaram nos parques públicos.

No século XVIII, o Jansenismo foi para a Itália, e sua influência preparou o ambiente para as idéias do **Risorgimento** (ressurgimento da consciência nacional e da literatura italiana, caracterizado pelo nacionalismo, liberalismo, anticlericalismo e romantismo), e ainda atou relações com os Anglicanos ingleses e Ortodoxos russos.

Hoje, há na Holanda uma Igreja independente, denominada Igreja Católica Jansenista, com um arcebispado em Utrech e bispados em Haarlem e Deventer.